

RESENHAS

ATTALI, Jacques. **Une brève histoire de l'avenir**. Paris: Fayard, 2006. 427 p.

João Batista Libanio¹

Livro realmente fascinante. Economista, professor, escritor de renome, com participação política na França como Conselheiro honorário de Estado e em instituições internacionais. A intuição central parte da metáfora do coração. O sistema capitalista, desde os albores, teve um coração. O atual coração, residindo na Califórnia americana, sofre de cardiopatia grave, com anúnico de morte. Então, qual será o novo coração do sistema no futuro? Para não perder-se em futurologias, analisa a história do capitalismo para dela aprender o movimento e assim pensar o futuro com realismo e consistência.

Constata ao longo da história que quando um coração esgotava sua função outro o substituía. Para alguma cidade ou região ou país ser o coração, isto é, o centro do capitalismo, necessitava cumprir várias condições. Antes de tudo, possuía vasta retaguarda agrícola e um grande porto de exportação. Respondia a uma carência do momento, usava estratégias voluntaristas para sobrepor-se aos outros por meio de rigor, força, dirigismo, protecionismo e controle das mudanças. Contava com classe dirigente criativa que reunia os meios de transformar um novo serviço em produto industrial. Dominava o capital, fixava os preços, acumulava lucros, controlava salários, organizava um exército, financiava exploradores, elaborava uma ideologia que lhe assegurasse o poder. Controlava os recursos energéticos eficazes e os meios rápidos de comunicação. Os banqueiros, os artistas, os intelectuais, os inovadores investiam aí. Em volta do coração, desenvolvia-se um mundo circundante (*milieu*), feito de antigos e futuros rivais em declínio ou em expansão. O resto do mundo formava-lhe a periferia. O coração tinha riquezas para dominar o mundo circundante e a periferia.

O A. estuda, sucessivamente, os corações do capitalismo na Europa e depois nos EUA, indicando-lhe o tempo de domínio e a característica principal: Bruges: 1200-1350: primícias da Ordem mercantil;

1. Doutor em Teologia (Gregoria-Roma) e professor da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). e-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

Veneza: 1350-1500: a conquista do Oriente; Anvers (Antuérpia): 1500-1560: a hora da imprensa; Gênova: 1560-1620: a arte de especular; Amsterdã: 1620-1788: a arte da flauta; Londres: 1788-1890: a força do vapor; Boston: 1890-1919: a explosão das máquinas; Nova Iorque: 1929-1980: a vitória elétrica; Los Angeles: 1980-?: o nomadismo californiano. O livro constata já a decadência do último coração californiano. E então o A. se pergunta: qual será o décimo? Pouco provável que o futuro seja californiano. Percorre outros possíveis – União Européia, países escandinavos, Tokyo, Shanghai e Bombay, Austrália, Rússia, Canadá – e descarta-os um depois do outro por não realizarem as condições necessárias de um coração do capitalismo. Mas, antes de responder à pergunta pelo futuro novo coração, descreve a decomposição da atual situação.

Depois da crise do poderio californiano e não existência de nenhum possível novo coração, suceder-se-ão, no futuro próximo, três vagas que se entremesclam. Ele as nomeia: hiper-império, hiperconflito e hiperdemocracia. Esta última parece *a priori* impossível, mas é o único futuro viável para a humanidade, se ela não quiser autodestruir-se. O A. passa a descrever cada nova onda do futuro.

Anuncia-se o hiperconflito que se segue ao fim do império americano californiano (o nono coração) para antes de 2035, talvez pelos anos de 2025. Brotam dificuldades globais. Os EUA serão vencidos pela mundialização dos mercados econômicos, no seio de grave crise ecológica e pela perda de poder das empresas. Esgotadas financeira e politicamente já não gerirão o mundo. Entra-se em mundo policêntrico com dezenas de poderes regionais.

O mercado desterritoriza, aumentam o crescimento mundial e a comercialização do tempo. Este será utilizado para atividades comerciais que substituirão serviços gratuitos, voluntários ou forçados. A agricultura se torna industrializada, surge violenta urbanização dos ex-rurais, aceleram-se as inovações. Torna-se difícil distinguir entre trabalho, consumo, transporte, distração, formação. Os cidadãos viverão longe dos centros. A vida urbana se torna solitária. O transporte ocupa mais tempo. Estatui-se o novo direito de propriedade que vai da compra para o acesso. O salário se gasta predominantemente em compra de serviços: educação, saúde, segurança. Acontece ubiqüidade nômade.

Antes de 2030, todos se conectam a todas as redes de informação por infra-estruturas de alta fluidez, móveis e fixas do tipo *Google*. Acessa-se a internet sem fio e de alta fluidez. A nanotecnologia produz

computadores cada vez menores e portáteis. Multiplicam-se os *robots* domésticos. Etariamente o mundo envelhece. As cidades crescem. Se, de um lado, escasseiam bens insubstituíveis, de outro, produzem-se tecnologias que superam as raridades insubstituíveis pela via da redução do consumo de energia, do tratamento do lixo, do repensamento das cidades e dos transportes.

Ameaça a perda de fôlego tecnológico. O tempo se torna a única verdadeira raridade. Gasta-se menos tempo para produzir e mais para consumir. Assim, o tempo que um computador requer para ser confeccionado não se compara com aquele que o usuário consumirá, usando-o horas e horas. Os produtos postos no mercado são “cronófagos”, isto é, devoram o tempo das pessoas. Basta observar como se usa o telefone celular.

No hiper-império, a primeira onda do futuro, impõe-se a generalização da democracia do mercado em mundo policêntrico. A supervigilância e a autovigilância substituem o Estado em desconstrução. Impõe-se a transparência. Nos vôos internacionais já se obriga a levar objetos de asseio em plásticos transparentes. E as pessoas passam por controles que as vêem até por dentro. A vigilância visa manter a segurança. A autovigilância cuida da saúde, da educação, da cultura por meios sofisticadíssimos de *softwares*. Acontece a mercantilização absoluta do tempo. Criam-se empresas nômades, que não se vinculam a nenhum país como tal. Os donos de tal império são também hiper-nômades, nômades virtuais. Eles dirigirão o império fora do solo, sem centro. As vítimas são os infranômades. Impõe-se tal governança no hiper-império que, para defender a liberdade, paradoxalmente a suprime. É a última expressão do individualismo. Soa a marcha triunfal do dinheiro que explica o essencial dos recentes sobressaltos da história: para acelerá-la, recusá-la ou dominá-la.

Levado ao extremo, o dinheiro destruirá tudo que lhe faz mal, inclusive os Estados. E o liquidará lentamente. O mercado se erige em lei única do mundo: incontrolável, sem fronteiras, planetário, criador de riquezas comerciais, fator das novas alienações, das fortunas e das misérias extremas. Sobrepõe-se à democracia. Tudo será privado: inclusive o exército, a polícia, a justiça. Os últimos serviços coletivos – saúde, educação, segurança, soberania – se privatizam.

As empresas não se reconhecem nacionais. Os pobres se constituem mercado. As leis serão substituídas por contratos, a justiça pela arbitragem, a polícia por mercenários. Os espetáculos e os esportes

crecem para distrair os sedentários. Imensas massas de nômades da miséria, os infranômades, batem-se contra as fronteiras ricas para buscar de que viver. As companhias de seguro regulam o mundo, fixam normas a que os Estados, as empresas e os particulares se submetem. Organismos privados de governança velam pela conta dos asseguradores, pelo respeito dessas normas.

As pessoas se tornam objeto de contínua auto-reparação, de próteses de si, de clonagem. É o ser humano feito artefato consumidor de artefatos. A poliordem, a supervigilância engendram o superconflito. Segunda onda do futuro.

O superconflito nasce de ambições regionais, de exércitos piratas, de exércitos de corsários. Os piratas são as máfias, as gangues, os movimentos terroristas. Os corsários são as empresas de mercenários com antigos militares, contratadas pela polícia e pelo exército. Surge a cólera dos leigos e dos crentes. Os leigos são os críticos e os crentes as expressões fundamentalistas religiosas.

As armas do hiperconflito se fundam na vigilância, no uso de recursos químicos, biológicos, bacteriológicos, eletrônicos, nanotecnológicos. Novas teorias de guerra defendem armamentismo, alianças, negociações, ajudas militares, dissuasão bélica dos regimes agressivos, ataques preventivos. Novos tipos de guerras: pelas raridades do petróleo e da água, pelas fronteiras do Oriente Médio à África, por aumentar a influência, e as travadas entre piratas e sedentários.

Ditaduras militares, ao confundir exército com polícia, tomarão o poder. O hiperconflito cristaliza todos os outros conflitos e explode ameaçando a sobrevivência da humanidade. Sucederão barbáries regressivas e batalhas devastadoras. Usar-se-ão armas hoje ainda não vislumbradas. Opor-se-ão Estados, grupos religiosos, entidades terroristas, piratas privados.

Tal situação se torna insuportável. A salvação virá de uma hiperdemocracia. Hoje impensável, até mesmo impossível. O A. lista males que ou nos destruirão ou exigirão solução de hiperdemocracia. Ei-los alguns: aquecimento global, distância crescente entre ricos e pobres, aumento da obesidade, crescimento do uso de drogas, domínio da violência na vida cotidiana, atos terroristas cada vez mais terríficos, impossível bunkerização dos ricos, mediocridade dos espetáculos, ditadura das companhias de seguro, invasão do tempo pelas mercadorias, falta de água e de petróleo, crescimento da delinqüência urbana, crises financeiras cada vez mais freqüentes, ondas de imigração de-

sembarcando nas nossas praias com mão estendida e depois de punho levantado, tecnologias cada vez mais assassinas e seletivas, guerras cada vez mais loucas, miséria moral dos mais ricos, vertigem da auto-vigilância e da clonagem.

Abrindo réstia de esperança, indica as vanguardas já existentes da hiperdemocracia. Chama de transumanos as pessoas que acentuarão a dimensão de relação. Surgem já empresas relacionais. Repensam-se instituições, o lugar do mercado como resultado coletivo da busca de bem comum e o exercício da inteligência universal. Propugnam-se os bens essenciais, a qualidade do tempo.

Novas forças altruístas e universalistas já em ação tomam o poder mundial, sob o império da necessidade ecológica, da ética econômica, cultural e política. Elas revoltam-se contra as exigências da vigilância, contra o narcisismo, contra as normas. Buscam novo equilíbrio planetário, entre mercado e democracia. Gestam instituições mundiais e continentais que, graças às novas tecnologias, organizam a vida coletiva. Instalam governo democrático universal. Fixam limites ao artefato mercado, à modificação da vida, à valorização da natureza.

Favorecem a gratuidade, a responsabilidade, o acesso ao saber. Possibilitam o nascimento de inteligência universal que põe em comum capacidades criativas de todos. Nova economia relacional produz serviços sem tirar proveito deles. Contém-se a mundialização, sem recusá-la. Circunscreve-se o mercado, sem negá-lo. Institui-se democracia planetária, concreta, ao cessar o domínio de um império. Abre-se novo infinito de liberdade, responsabilidade, dignidade, superação, respeito do outro. Faz-se nascerem novos modos de viver e criar a partir de todas as sabedorias do mundo.

E as sugestões se multiplicam. Vale a pena o leitor conferi-las e deixar-se iluminar por elas. Feixe luminoso de esperança ilumina o pesado quadro do hiper-império e do hiperconflito. O fundamento último da esperança reside em que a história se anima pela força maior da liberdade, capaz de recarregar de ânimo um presente obscurecido pelas crises. O A. resume, em alguns pontos, as leis da história do futuro: criar um ambiente relacional, suscitar o desejo de destino comum, favorecer a criação mais livre, construir grande porto e grande praça econômica, formar os cidadãos eqüitativamente nos saberes novos, dominar as novas tecnologias que estão a surgir, elaborar uma geopolítica, construir alianças necessárias. O futuro de uma nação passa pela criatividade, eqüidade, lealdade, mobilidade, trabalho e justiça. Implica criar socie-

dade eqüitativa e igualitária, mobilidade eqüitativa do trabalho, estatuto remunerável de quem procura trabalho, reformar serviços públicos em vista dos mais desprotegidos, promover discriminação positiva para grupos segregados, reforçar a eficácia do mercado, gerar gosto do trabalho, da concorrência, do esforço, da curiosidade, da liberdade, da aspiração à mudança, ao novo. Cabe criar, atrair e reter a classe criativa, aumentar gastos por estudante, reagrupar universidades, dar-lhes autonomia de gestão, incentivar sua relação com setor privado, promover a estética urbana, industrial, social. Enfim, importa fazer nascer a hiperdemocracia.

O livro oferece espaço para excelente seminário de estudos e discussão. O nível de informação é gigantesco. A competência do A. impressiona. A riqueza de sugestões revela imaginação criadora e utópica. Valeria a pena confrontar as teses e proposições do livro com a realidade concreta do Brasil e tirar daí conseqüências sociais. Os políticos aprenderiam muito da sua leitura e alargariam horizontes de pensar e planejar. Eis, portanto, livro que merece atenção e cuidadoso estudo.